



Paisagem, sociedade e vida cultural: a fronteira goiana no período colonial

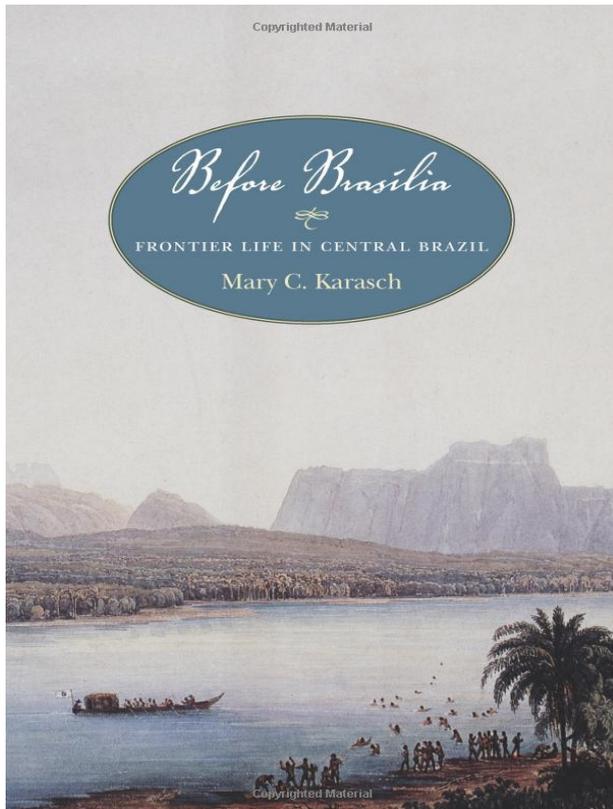
<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v22i3.45099>

Sandro Dutra e Silva

Universidade Estadual de Goiás, UEG; Centro Universitário de Anápolis, UniEvangélica, Brasil. E-mail: sandroduetr@hotmail.com

Resenha recebida em: 16/04/2018 **Aprovada em:** 24/10/2018

KARASCH, Mary C. *Before Brasília: frontier life in Central Brazil*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2016.



O conceito de fronteira tem sido cada vez mais utilizado como chave interpretativa das relações sociais nos estudos latino-americanos, sobretudo quando essas análises envolvem a complexa relação entre sociedade e natureza. Nesse importante trabalho sobre a fronteira goiana no período colonial, a pesquisadora norte-americana Mary Karasch expõe um vigor investigativo ao descortinar, para o público de língua inglesa, um minucioso e árduo trabalho de catalogação documental relativo à região distante e isolada da Metrópole Portuguesa, que era a fronteira goiana nos séculos XVIII e XIX.

Uma variável importante, no entanto, desse debate se inicia quando consideramos a relação entre a condição da fronteira em Goiás e o comércio atlântico. Uma tese defendida por David McCreery (2006), um interlocutor do

trabalho de Karasch, era que a fronteira em Goiás se caracterizava como a mais isolada e distante região brasileira no período colonial. O isolamento foi uma chave interpretativa da condição da fronteira em McCreery (2006) que identificava características distintas de organização política e socioeconômica no período do Brasil Império. (1822 a 1889). A tese de McCreery (2006) baseava-se na afirmação de que, durante o século XIX, Goiás era um território isolado e de difícil acesso, prejudicando um intercâmbio interno com as demais províncias, caracterizando o que ele definiu como sendo a “fronteira da fronteira”. Usando como referência os conceitos de Alistair Hennessy (1978) sobre as fronteiras latino-americanas, McCreery estabeleceu um interessante argumento sobre a expansão e os esgotamentos dos recursos naturais no Brasil Central. Para Hennessy (1978), as fronteiras latino-americanas baseavam-se não na conquista do território ou na constituição de autonomias liberais como apresentados por F.J. Turner (2010). O fenômeno latino-americano da fronteira contribuía, de fato, para o fortalecimento de oligarquias que dominavam o território, que por sua vez era ocupado parcialmente. No esgotamento dos recursos naturais surgiam os espaços vazios, abandonados, como se fossem “buracos”, vestígios da exploração desses recursos, no processo designado por ele como *Hollow Frontier* (HENNESSY, 1978). McCreery (2006), por sua vez defendia que esse modelo

era complexo, construindo o conceito de *Swiss Cheese Frontier*, baseado na manutenção de localidades precariamente ocupadas e em conexão na distinta e isolada território goiano.

Em sua obra *Before Brasília: frontier life in Central Brasil* (KARASCH, 2016) a autora não caminha por essas trilhas interpretativas. Ela entende que a fronteira não era tão isolada e distante, mas em um espaço específico de contato e interação como a conjuntura mercantilista no mundo Atlântico. Suas abordagens mostram uma fronteira em conexão, e onde a exploração dos recursos naturais envolvia uma forte relação com a Coroa Portuguesa e o comércio escravista africano. E essa relação, inclusive, sobrepunha às relações comerciais no interior da própria Colônia Portuguesa. Nesse sentido autora identifica importantes caminhos de integração econômica, com destaque para as rotas fluviais, os caminhos do gado e as estradas reais. Ou seja, a fronteira goiana em Mary Karasch não experimentava do isolamento, nem político e nem tão pouco econômico, mas era uma fronteira em movimento e interação, envolvendo portugueses, africanos, luso-brasileiros e comunidades indígenas.

Apesar de Mary Karasch ter uma trajetória acadêmica marcada pelos estudos históricos sociais (KARASCH, 1987; KARASCH, 2002), com forte diálogo com a antropologia, destacamos como elemento inovador no seu trabalho o uso dos pressupostos teórico-metodológicos da história ambiental –

mesmo que feito de forma muito modesta. Segundo Karasch as questões ambientais foram resultantes da influência do amigo e antigo colega, o historiador ambiental Richard Tucker, que a encorajou a analisar o impacto do povoamento colonizador na fronteira e os conflitos ambientais. Confesso que gostaria de ver com mais vigor os estudos ambientais e as descrições das paisagens naturais do Cerrado nos documentos analisados. Poderia ter sido uma abordagem realmente fascinante. Mas, ao mesmo tempo, mesmo que a autora talvez não tenha se sentido confortável em explorar esse caminho, seus estudos apontam para grandes possibilidades de análises, na perspectiva ambiental a partir das fontes coletadas, que poderia permitir um importante diálogo com os estudos originais de fitofisionomia do Cerrado, tão ricos e ainda pouco explorados.

Eu destacaria como o ponto mais relevante do trabalho de Karasch a sua pesquisa documental. O historiador atento não desprezará a leitura de suas notas. Pelo contrário, descobrirá nessas notas o rigor e a dedicação do clássico ofício historiográfico na lida com as fontes documentais. A pesquisa documental desenvolvida por Karasch inclui registros e coletas de fontes do período colonial em arquivos, bibliotecas, dioceses, Institutos Históricos e Geográficos, sociedades de cultura, Institutos de pesquisas e museus em Goiás, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo. Também é farta a documentação feita em arquivos, bibliotecas e museus em Lisboa (Portugal),

Londres (Inglaterra), Viena (Áustria) e Washington (Estados Unidos). Ao mesmo tempo, a qualidade iconográfica das imagens publicadas reforça que a trajetória entre a coleta de fontes, passando pela construção da narrativa e o árduo trabalho editorial, foi feito com muito cuidado e esmero. E pensando nisso, fico interessado em saber sobre a repercussão dessa obra nos leitores de língua estrangeira, ou melhor, como esse público reagiu ao uma narrativa tão interessante sobre uma região nas Américas tão pouco explorada pela historiografia? Minha reflexão se dá a partir de um ponto de vista distinto, que é a de um brasileiro lendo uma obra sobre o Brasil Central em língua estrangeira. Mas qual é a relevância desse tema, tão particular, sobre uma região tão pouco conhecida para o público de língua inglesa? Isso reforça uma realidade particular, em que estudos recentes têm reforçado a relevância da fronteira agropecuária nos trabalhos publicados por universidades norte-americanas sobre o Brasil Central (McCREERY, 2006; KARASCH, 2016; WILCOX, 2017). Também interessantes são as reflexões no campo da história ambiental e geografia histórica, particularmente nos importantes estudos sobre os processos de colonização e transformação das paisagens na América Latina entre os séculos XIX e XX (KOHLHEPP, 2015; BELL, 2015; LEON et. al, 2017), sobretudo por parte da geografia histórica. Importante também reconhecer a relevância que o Cerrado começa a ganhar junto

à Comunidade Acadêmica, interessada em conhecer o fenômeno do agronegócio e os resultados em produtividade, na expansão da fronteira agrícola, sem precedentes após a “revolução verde”.

O livro está organizado em três blocos temáticos distintos em que o tema da fronteira no período colonial é apresentado. A primeira parte trata-se das temáticas das conquistas e contatos entre as sociedades indígenas e o colonizador. O papel histórico das bandeiras, tão amplamente discutido na historiografia brasileira (EVANS & DUTRA E SILVA, 2017), ganha fôlego a partir da análise de documentação inédita trazida nos estudos de Karasch. A forma como a autora apresenta as guerras pela conquista do território, trazem uma nova abordagem sobre os atores históricos e a atuação destes nos movimentos de resistência conquista e “pacificação” dos povos indígenas do Brasil Central.

Na segunda parte da obra, Karasch transita num território confortável de sua expertise nos estudos históricos sociais. E com domínio apresenta as estruturas sociais a partir das elites e das classes subalternas da sociedade colonial na fronteira goiana. Importante argumento no trabalho de Karasch, e que muito foi desprezado pela historiografia goiana, é o papel dos escravos na conquista luso-brasileira do Brasil Central. Em suas palavras: “*Without enslaved Africans and free/freed black men and women, the Portuguese could not have extracted the region’s wealth in gold or*

defeated the indigenous nations who attacked the mines” (KARASCH, 2016, p. 185). Esse é um argumento poderoso sobre o papel dos escravos e libertos na estrutura social e na manutenção dos alicerces políticos e econômicos em Goiás. Interessante, como esse tema recebeu pouca importância nos estudos clássicos sobre Goiás, em que o distanciamento do litoral era visto como um impedimento para a vinda de escravos ao Brasil Central. A riqueza e a abundância documental reforçam a relevância desta obra na revisão historiográfica sobre as sociedades africanas e afro-brasileiras em Goiás.

A terceira e última parte do livro amplia o horizonte social da fronteira, utilizando análises rigorosas das mudanças e interações culturais no período colonial em Goiás. Mesmo que o seu estudo não esteja focado na tese do isolamento e distanciamento da fronteira, as análises do campo religioso e dos espaços do sagrado em Goiás, refletem a relativa autonomia dos movimentos leigos em relação ao clero lusitano, autonomia esta que, escandalizou viajantes apegados ao catolicismo mais ortodoxo como nos registros de Saint Hilaire. As relações de gênero e a atuação dos alforriados como vassalos fieis à coroa foram traços do contato cultural da vida na fronteira do Brasil Central.

Os referenciais ao conceito de fronteira, tão fundamentais para esse estudo, aparecerem muito modestamente no decorrer das análises de Karasch. Apenas nas considerações finais que essa reflexão apareceu de forma mais

contundente. A discussão entre os temas sertão e fronteira reforçam as reflexões de McCreery e a negação ao sentido turneriano da fronteira: “While we may use the concept of frontier from other historical studies, most do not fully capture the complexity of social interactions in Central Brazil over centuries” (KARASCH, 2016, p. 303). Essa consideração reflete a adesão à tese Hennessy (1978) e sua adaptação em McCreery (2006) de que a história de Goiás não se encaixa facilmente no conceito clássico e no padrão histórico defendido por Turner (2010). Assim, esse importante trabalho traz à luz reflexões sobre formas adaptadas da fronteira latino-americana, enfatizando as relações e interações sociais.

Referências

- BELL, Stephen. Making Tracks Toward the Environmental History of Brazil: A Personal Journey in Historical Geography. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, vol.3, n.2, p.15-33, 2014. DOI: <https://doi.org/10.21664/2238-8869.2014v3i2.p15-33>
- EVANS, Sterling; DUTRA e SILVA, Sandro. Crossing the Green Line: Frontier, environment and the role of bandeirantes in the conquering of Brazilian territory. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, vol.6, n.1, p. 120-142, 2017. DOI: <https://doi.org/10.21664/2238-8869.2017v6i1.p120-142>
- HENNESSY, Alistair. *The Frontier in Latin American History*. Londres: Edward Arnold, 1978.
- KARASCH, Mary C. *Slave Life in Rio de Janeiro, 1808-1850*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1987.
- _____. Central Africans in Central Brazil, 1798-1835. In: HEYWOOD, Linda M. *Central Africans and Cultural transformations in the American Diaspora*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.
- _____. *Before Brasília: Frontier Life in Central Brazil*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 2016
- LEON, Claudia Maria Leal; CABRAL, Diogo de Carvalho; MIRAGLIA, Marina; OLIVEIRA, Rogério Ribeiro de. Territórios e Paisagens na América Latina. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*. vol. 6, n.1, p. 12-21, 2017. DOI <http://dx.doi.org/10.21664/2238-8869.2017v6i1.p12-21>
- KOHLHEPP, Gerd. Tipos de Colonização Agrária Dirigida nas Florestas Brasileiras: Exemplos históricos. *Fronteiras: Journal of Social, Technological and Environmental Science*, vol.4, n.3, p. 102-121, 2015. DOI: <https://doi.org/10.21664/2238-8869.2015v4i3.p102-121>
- MC CREERY, David. *Frontier Goiás, 1822-1889*. Stanford, Califórnia: Stanford University

Press, 2006

TURNER, Frederick Jackson. *The frontier in American history*. Mineola, Nova York: Dover Publications, 2010.